

**A comemoração de uma memória: o cinquentenário do Cerco da Lapa/PR (1894-1944)****Daiane Vaiz MACHADO\***

**Resumo:** *O que e por que comemorar?* Esse questionamento está presente na interpretação que este artigo propõe sobre a Comemoração do Cinquentenário do Cerco da Lapa, episódio da chamada Revolução Federalista, celebrado em 1944, nas cidades de Curitiba e Lapa. Problematiza-se a celebração cívica com base na atuação de David Carneiro, um dos representantes da inteligência paranaense do século XX. O tema ao qual Carneiro mais se dedicou foi a Revolução Federalista, e acabou por tornar-se referência no assunto. Ele foi um dos principais idealizadores do evento, festejado durante a Segunda Guerra Mundial. Naquela ocasião, comemorou-se uma memória, a dos defensores da “unidade nacional”. Entre *excessos e insuficiências* de memória, o General Gomes Carneiro foi alçado a símbolo da juventude que deveria se unir aos Aliados e contribuir para a “solidariedade continental”. A experiência do passado do acontecimento militar é reinterpretada em função de um novo conflito.

**Palavras-chave:** David Carneiro. Revolução Federalista. História do Paraná. Comemoração. Memória.

**The celebration of a memory: the fiftieth anniversary of the Siege of Lapa / PR (1894-1944)**

**Abstract:** *What and why to celebrate?* This issue is present in the interpretation that this article proposes about the Fiftieth Anniversary Celebration of the Siege of Lapa, an episode of the so-called Federalist Revolution, celebrated in 1944, in the cities of Curitiba and Lapa. The civic celebration is put into question, starting from the role played by the David Carneiro, one of the Paranaense Intelligence's representatives in the twentieth century. The theme to which Carneiro had dedicated himself the most was the Federalist Revolution, and he ended up being a reference on the issue. He was one of the main idealizers of this event, celebrated during the World War II. On that occasion, it was celebrated a memory, the one of the defenders of the “national unity”. Between the *excesses and insufficiencies* of memory, General Gomes Carneiro was promoted to symbol of the youth that should gather with the

---

\* Doutoranda em História – Programa de Pós-graduação em História – Faculdade de Ciências e Letras – Unesp – Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis – Av. Dom Antonio, 2.100, CEP 19806-900, Assis, São Paulo, Brasil. A pesquisa que resultou neste artigo contou com financiamento da CAPES. E-mail: daiane\_vm@yahoo.com.br

Allies and contribute to the “continental solidarity”. The past experience of the military event is reinterpreted because of a new conflict.

**Keywords:** David Carneiro. Federalist Revolution. Parana's History. Celebration. Memory.

Nos anos 1980, no momento do chamado *boom* memorialístico ocorrido na França, Pierre Nora chamou a atenção dos historiadores para o estudo das celebrações (problematizando as deformações e manipulações da memória, os vestígios que perpassam as ações memorizadas e rememoradas), em vez da celebração da nação (NORA, 1993, p. 14). Um olhar mais crítico em relação às comemorações nacionais passou a aguçar os historiadores.

Façamos, de forma breve, uma nota sobre a relação história e memória. Dialogando com a sociologia *durkheimiana* de Maurice Halbwachs, Nora estabelece uma demarcação entre memória e história. Para ele, a história é o fim da memória, pois elas se opõem, a memória está aberta à lembrança e ao esquecimento, é viva, manipulável, já a história é uma reconstrução problemática “do que não existe mais”, é um discurso crítico (NORA, 1993, p. 7-9). Outra percepção teve o filósofo Paul Ricoeur, que considera que a memória (nossa primeira relação com o passado) assim como a história (nossa segunda relação com o passado) também tem pretensão de ser fiel ao passado, pois “a ambição veritativa da memória tem títulos que merecem ser reconhecidos antes de denunciarmos as deficiências patológicas e as fraquezas não patológicas da memória” (RICOEUR, 2007, p. 40). Assim, cabe a uma instância crítica – pensemos na produção de conhecimento histórico – a tarefa de desmascarar os falsos testemunhos, os usos e abusos da memória. Na perspectiva de Ricoeur, história e memória não são dissociadas, a memória é mais do que objeto da história, parece ser uma de suas matrizes (SILVA, 2002, p. 426).

A memória evocada em eventos comemorativos, tanto para Nora quanto para Ricoeur, deve ser objeto de questionamento. Esses eventos são organizados costumeiramente; é o momento de evocação pelo presente de uma memória selecionada do passado. No entanto, a escolha do que comemorar não é um ato ingênuo, pois as datas, os episódios e os personagens fazem parte de escolhas que se inscrevem nas ambições, expectativas, dúvidas e receios do presente. Como ressaltou Helenice Rodrigues da Silva,

Comemorar significa, então, reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento considerado como ato fundador, a sacralização dos grandes valores e ideais de uma comunidade constituindo-se no objetivo principal (SILVA, 2002, p. 432).

Significadas diversamente pelo presente, as comemorações coletivas visam fortalecer os laços sociais e propõem a uma comunidade o compartilhamento de ideias. É

justamente pelos *usos* aos quais as comemorações estão sujeitas que podem ocorrer *abusos* da memória (RICOUER, 2007, p. 98-104). Esses foram os pressupostos com os quais buscamos interpretar a Comemoração do Cinquentenário do Cerco da Lapa, episódio da Revolução Federalista, realizado em 1944, na cidade de Curitiba e Lapa, sob as asas do Governo do Estado do Paraná.

Problematizaremos a comemoração com base na atuação de David Antonio da Silva Carneiro (1904-1990), um dos principais idealizadores do evento. Carneiro foi um “historiador por vocação”<sup>1</sup>, seus principais espaços de interação cultural e trocas intelectuais foram as Academias de Letras e os Institutos Históricos.<sup>2</sup> Ele, que foi eleito pela sociedade curitibana um dos representantes da inteligência paranaense do século XX (MACHADO, 2012), dedicou-se exaustivamente e de formas diversas ao episódio federalista no Paraná, cuja concepção interpretativa delineou a historiografia oficial sobre o assunto.

Em um primeiro momento, analisaremos a relação que David Carneiro estabeleceu com o tema da Revolução Federalista no Paraná. Essa relação será pensada a partir da fundação do Museu Coronel David Carneiro, espaço que abrigou os vestígios do evento, e de sua produção temática. Em um segundo momento, focalizaremos como o episódio federalista foi comemorado naquele presente, período conturbado, no cenário político internacional, pela Segunda Guerra Mundial.

### **Museu Coronel David Carneiro**

O menino David Carneiro fomentou, desde os oito anos de idade, o interesse em preservar objetos do passado. Incentivado pelo pai e pelo avô, sua coleção se iniciou com moedas, medalhas e cristais.

Aí começou realmente o Museu, que tomou um espaço novo e uma nova identidade quando eu, noivo na Lapa, via as Congadas e via o povo jogando fora o pouco que restava de material concreto do Cerco da Lapa. Aí eu me identifiquei através do meu sogro. Ele contava as histórias da Lapa (CARNEIRO, 1982 apud MILLARCH, 1982, p. 3).

David Carneiro esteve intimamente ligado aos eventos atinentes ao movimento federalista no Paraná (1893-1895)<sup>3</sup> – uma das contestações mais sérias enfrentadas pela então recém-proclamada República brasileira (PESAVENTO, 1983, p. 7). Embora sua infância tenha sido povoada pelas memórias do avô (segundo da família com o mesmo nome) que viveu e atuou no conflito, o interesse pelo episódio da Revolução Federalista em solo paranaense, denominado de Cerco da Lapa, foi aguçado quando Carneiro era noivo de Marília Suplicy de Lacerda, integrante de uma família tradicional da Lapa. A partir das conversas com o sogro, intensificou-se o interesse pelo episódio e se iniciou a busca por

objetos que fizeram parte daquele acontecimento: armas, canhões, medalhas, uniformes, jornais, atas, diários, toda e qualquer espécie de vestígio relativo ao evento que materializasse as memórias da Revolução Federalista.

Despertado o interesse pelo Cerco da Lapa, foi com a parceria do pai, Coronel David Carneiro, que a pequena coleção ganhou volume. No mesmo período do noivado de David Carneiro, em 1924, o pai, durante viagens ao exterior, garimpava objetos históricos para o acervo do filho, como podemos observar na carta escrita de Oestende, na Bélgica:

Para as tuas colleções consegui: um espadim de commandante de submarino allemão; 3 chapas de *soko* prussiano, de oficial, sub-official e soldado (sendo este do celebre regimento 'Waterloo' que foi instituído com o resto das forças de Blucher, depois de sua Victoria contra Napoleão I) e uma peça de *destroyer* 'Thetis' capitonen da esquadilha ingleza que foi embotelhar o ninho de submarinos allemãs em Zeebrugge; uma pistola lança granada e uma granada de avião. Até agora estamos com 9 espadas e punhaes, todos muito interessantes. Não sei onde irás por toda esta carga que vamos preparando para o teu muzeu. Da censura tenho me preocupado, mas sem obter sucesso. Aqui nunca foi procurado isso porque ninguem se preocupada em collecionar. Quero ver si em Bruxellas terei mais sorte [...]. (CARNEIRO, 1938, p. 136).

O pai não viveu a tempo de ver onde o filho abrigaria tantos objetos históricos e foi em sua homenagem que David Carneiro denominou o museu que criou, em 1928, de Museu Coronel David Carneiro.

Os esforços se concentraram, inicialmente, na aquisição de objetos relacionados a episódios militares, do Cerco da Lapa à Batalha de Waterloo, mas o acervo, que atingiu mais de 5.000 peças, também foi composto por quadros (muitos retratos de personalidades paranaenses), esculturas, obras de arte, instrumentos musicais, indumentária, instrumentos de castigo, ferramentas, utensílios, porcelanas, documentação e numismática (CARNEIRO, 1940). Essa diversidade do acervo denota que Carneiro não pretendeu transformar o Museu Coronel David Carneiro em um museu destinado a acolher somente o que remetesse a um determinado tema do passado, embora existisse uma clara predileção para o evento da Revolução Federalista. Assim explicou:

A formação do acervo não obedeceu a um sistema ou a uma época, ele foi formado do modo mais heterogêneo possível, pois *tudo o que aparecia e tinha um valor histórico era colocado no museu* (CARNEIRO, 1988 apud MARANHÃO, 1988, não paginado. grifo nosso).

O museu, segundo o autor, foi construído como um espaço destinado a cultivar as memórias que estão representadas em tudo que possui valor histórico. David Carneiro pretendeu ressaltar, no seu museu, o que deveria ser preservado do passado, rememorado

e exaltado tanto pelo presente como pelas futuras gerações. Nesse espaço museológico, os laços de pertencimento deveriam ser fortalecidos. É nesta perspectiva que Carneiro instituiu um “lugar de memória”, pois “a razão de ser fundamental de um lugar de memória é deter o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas” (NORA, 1984, p. XXXII apud DOSSE, 2001, p. 32).<sup>4</sup>

Já em 1929, Carneiro alertava que o museu tinha como dever defender bens patrimoniais, notadamente da região que o abriga. Quando se tratasse de monumentos históricos e artísticos, caberia aos administradores dos museus fixarem no local de origem os devidos “dizeres esclarecedores”, ou seja, dar explicações a respeito do surgimento, do fato histórico a que pertenceu, assim como dos “julgamentos” sobre a sua função para a Humanidade. Eis a finalidade do museu para David Carneiro: orientar os trabalhadores e as novas gerações, segundo os preceitos do filósofo francês Auguste Comte (1798-1857).

Comte, avaliando a conjuntura do seu tempo, considerava existir um estado de crise revolucionária pós-Revolução Francesa, uma anarquia intelectual e moral que deveria ser superada para se completar a marcha da humanidade rumo ao progresso, ao desenvolvimento da sociedade.<sup>5</sup> Os proletários estavam, segundo Comte, protegidos dessa crise pela sua falta de cultura histórica, eles “escaparam da influência deletéria do espírito metafísico e se encontram mais dispostos para acolher a nova filosofia” (FÉDI, 2008, p. 30). Assim, a filosofia positiva deveria instruí-los.

Compartilhando desses princípios,<sup>6</sup> David Carneiro publicou *Museus*, um ano após a fundação do Museu Coronel David Carneiro. A obra pretendeu mostrar a importância da constituição de espaços museológicos, ressaltando a sua função social de ensinamento e de instrução do proletariado e também o seu destino de acordo com a filosofia positiva. Segundo Carneiro,

De facto, a função atual dos museus é a instrução do proletariado, é de dar-lhe idéia das maravilhas do Mundo em que vive, ou de ligá-lo pelo coração através da arte ou da tradição histórica, ao passado (CARNEIRO, 1929, p. 13).

O museu, na perspectiva de Carneiro, deveria cumprir uma função pedagógica capaz de concretizar as teses de Comte, anunciadas no *Discurso sobre o espírito positivo* (1844),<sup>7</sup> sobre a incorporação do operariado à sociedade moderna – medida necessária para a reorganização da sociedade.

Segundo o autor, o estado de anarquia detectado por Comte no século XIX permanecia em seu tempo (primeira metade do século XX). Carneiro entendia que havia uma desorganização na política, na educação, na cultura, uma degradação ao invés de

progressão. Para elucidar sua avaliação, citou o extermínio humano da Grande Guerra (1914-1918) e a colonização francesa da Argélia.

Nestes “tempos anárquicos”, o museu deveria lembrar as ações construtivas dos homens, dar glórias aos sujeitos que defenderam causas justas, tornando presente um passado que contribui para planejar o futuro. Pois segundo Comte, deve-se “apreciar o passado de modo a determinar o futuro, para caracterizar o presente” (COMTE, 1978, p. 295).

Sendo assim, que exemplo maior de exaltação teria o Paraná do que o daqueles homens que se bateram valentemente na sangrenta Revolução Federalista em defesa e honra da República de Floriano Peixoto? Valendo-se desta concepção, Carneiro escolheu o Cerco da Lapa, episódio da Revolução Federalista, como objeto de investigação privilegiado. Interpretou, segundo os preceitos positivistas, o papel histórico do conflito e o seu significado na trajetória da Humanidade. O evento foi tratado por Carneiro em muitas de suas obras, em fases distintas de seu percurso e com objetivos diversos. Desta forma, necessitamos estudar a relação entre o passado visualizado no museu e o lido em suas obras.

### **A história no museu**

A história da criação do Museu Coronel David Carneiro se confunde com a história que foi contada no museu, pois, embora o acervo possuísse objetos de tempos e espaços distintos, voltou-se, sobretudo, para um passado em especial: a Revolução Federalista e o Cerco da Lapa. Assim, David Carneiro, ao criar um “lugar de memória”, o Museu Coronel David Carneiro, instituiu o seu local de produção privilegiado, com base em temas pertencentes ao acervo do museu no qual era diretor.

O acervo do museu transformou-se em fontes nas suas obras e são recorrentes nas produções de Carneiro notas de rodapé que avisam o leitor sobre como encontrar determinada peça de artilharia, espada, uniforme militar, carta, ofício ou jornal no Museu Coronel David Carneiro. Entre os seus livros, os que abordam o episódio do Cerco da Lapa durante a Revolução Federalista no Paraná se sobressaem em relação ao rigor descritivo do cenário. Os objetos expostos no museu são utilizados para comprovar, atribuir legitimidade à narrativa que objetivou reconstituir o evento, ao mesmo tempo que proporcionam ao leitor da sua produção histórica uma “visibilidade ao invisível do passado”.<sup>8</sup>

Essa forma de articulação entre a escrita da história e o que se pode ver do passado disposto nos museus remete a princípios da cultura historicista do século XIX, para a qual “la muséographie de l'histoire s'est définie par la capacité de faire resurgir fidèlement le passé dans le présent et, concurremment, de produire ou de garantir la vérité savante”

(POULOT, 2010, p. 536).<sup>9</sup> Nessa perspectiva, o acervo que foi organizado e visualizado no Museu Coronel David Carneiro também foi encontrado nas narrativas de David Carneiro sobre a Revolução Federalista, como elemento que confere certeza àquele passado. De tal maneira, a história naquele espaço museológico foi representada segundo as concepções de seu diretor.

Ao pretender “ressurgir o passado no presente”, Carneiro não propôs apenas uma ação contemplativa aos visitantes do museu, uma vez que acreditava que o passado interessa ao presente na medida em que ensina, que evidencia o encadeamento progressista da história. O que também significa dizer que o museu assume uma responsabilidade pedagógica com a história nacional: celebrar fatos memoráveis e, assim, contribuir para a formação patriótica de seus visitantes.

E quais seriam os ensinamentos deixados pela Revolução Federalista? Vamos tentar responder à questão em duas etapas, partindo da produção intelectual de David Carneiro sobre o tema. A primeira etapa de uma possível resposta se refere ao exemplo de lealdade e de ação que os paranaenses deram no conflito, servindo o evento para dar *visibilidade nacional ao Paraná*. Carneiro defendeu a ideia de que esse foi o período mais marcante da história paranaense, discordando de seus contemporâneos Romário Martins e de Francisco Negrão que não o consideraram como ele e Ermelino de Leão. Para eles, “a Revolução Federalista tivera importância capaz de moldar a feição social do nosso Estado” (CARNEIRO, 1971, p. 5). O período que compreende a revolta no Paraná é, para Carneiro, um momento que não deve ser apagado da história, uma época que serve de tema para um estudo social, que, bem ao gosto positivista, “*visa à nossa própria evolução*” (CARNEIRO, 1971, p. 4, grifo nosso).

O episódio federalista em si, para Carneiro, é um divisor de águas na história do Estado. É o primeiro movimento nacional de participação militar intensa em seu território, do qual o Paraná deve se orgulhar, já que cumpriu o seu papel, pois, apesar de “invadido”, defendeu a República e foi parte importante para a sua manutenção.

A defesa para tal concepção de Carneiro na historiografia, e que perpassa suas obras, é que a resistência dos defensores do Cerco da Lapa desestabilizou as forças revolucionárias, atrasando a investida sobre São Paulo e dando tempo para que os *pica-paus* se reorganizassem militarmente (SÊGA, 2005, p. 119).<sup>10</sup> Em suas palavras:

A história do Cerco da Lapa é simples. O cerco começa no dia 26 de janeiro de 1894 e vai até o dia 11 de fevereiro. Durante esse período morrem os chefes mais importantes uma perda de vidas importantes, e o Paraná mostra que era capaz de assumir um compromisso, realizar historicamente o seu dever. (CARNEIRO, 1988 apud ABRÃO, 1988, p. 4).

Conforme a citação de Carneiro, “vidas importantes” contribuíram para barrar o avanço das tropas revolucionárias comandadas por Gumerindo Saraiva. Aqui reside a segunda etapa de nossa possível resposta. Dentre os diversos personagens idealizados como símbolos cívicos, e por isso denominados de heróis por David Carneiro, dois receberam destaque especial, o Barão do Serro Azul e o Coronel Antonio Ernesto Gomes Carneiro – ambos teriam ajudado a “salvar” a pátria. O Coronel Gomes Carneiro foi o defensor da Lapa, pois a cidade somente capitulou com a morte deste “bravo”. O Barão do Serro Azul é exposto, acima de tudo, como um herói paranaense que procurou defender a cidade de Curitiba, coletando dinheiro para o “empréstimo de guerra”, que seria entregue aos maragatos para livrar a cidade de tropelias, saques e estupros.

David Carneiro utilizou tanto a linguagem historiográfica quanto a ficcional para reavivar e mitificar a memória do Serro Azul e Coronel Gomes Carneiro, contribuindo, assim, para a elaboração e manutenção de elementos importantes do imaginário social paranaense, pois, como chamou a atenção Bronislaw Baczko,

É assim que através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade, elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de bom comportamento, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do chefe, o bom súbdito, o guerreiro corajoso, etc. (BACZKO, [19--], p. 309).

Esses “imaginários sociais” pensados por Baczko derivam de memórias de eventos que, por sua vez, podem ser reforçados, legitimados, refutados, (re)lidos e (re)interpretados de acordo com os anseios do presente. Para David Carneiro, o conhecimento da Revolução Federalista fortalece os laços de solidariedade, pois nela os paranaenses poderiam se reconhecer enquanto membros de uma mesma coletividade. Afinal, foram eles “os defensores da recém-proclamada República brasileira”.<sup>11</sup>

A manipulação de elementos simbólicos para identificação nacional foi uma das principais estratégias dos positivistas, logo após a instauração da República (CARVALHO, 1990, p. 55). Essa estratégia esteve presente em David Carneiro. É nesse sentido que dialogamos com a análise de Maria J. W. Cordova (2009), que considera Carneiro um intelectual que deu especial ênfase ao discurso de identidade paranaense, exaltando características regionais por meio da construção de heróis.

A idealização de figuras modelos em suas produções chega a ser um argumento cansativo, a repetição tem um sentido muito claro em sua produção: inculcar, incentivar crenças comuns, incitar à ação. A repetição existente nas obras de David Carneiro visa à prática de ensino da memorização; decorar é um ato de memorizar e, segundo Paul Ricoeur, um exercício de memória. David Carneiro assinala, com esta prática, uma forma de



transmissão de uma memória que se pretende oficial – a memória do Cerco da Lapa e seus heróis. Uma memória coletiva legitimada pelo ensino da história é na *compulsão de repetição* que reside *excessos de memória* (RICOEUR, 2007, p. 92).<sup>12</sup>

Na tentativa de manter viva na memória da população paranaense esse “momento ímpar em sua história”, além de procurar tornar visível esse passado no Museu Coronel David Carneiro, nosso personagem publicou diversos artigos e livros.<sup>13</sup> A Revolução Federalista foi um dos temas mais estudados por ele, e sobre o qual tornou-se referência.

Este “período da história do Paraná” foi considerado por David Carneiro como um período profundamente amargo, assemelhado, pelas características trágicas, à Revolução Francesa (mesmo o autor fazendo distinções das épocas históricas). Esse momento, que não poderia ser apagado da história nacional, devia ser ensinado e celebrado. Com esse intuito, Carneiro esteve à frente da Comemoração do Cinquentenário do Cerco da Lapa.

### **O que comemorar?**

A data escolhida para as festividades cívicas foi de 07 a 11 de fevereiro, dias que simbolizam a “resistência heróica” comandada pelo General Gomes Carneiro na cidade paranaense da Lapa, durante a Revolução Federalista. David Carneiro, ao lado do General Raimundo Sampaio e José Loureiro Fernandes, integrou a Comissão Central dos Festejos.

Na Lapa, as lembranças do Cerco foram cristalizadas na inauguração de “lugares de memória”: o Panteon dos Heroes,<sup>14</sup> localizado no centro da Praça Joaquim Lacerda, nome de um “outro herói” lapeano e combatente legalista; e o Museu da Revolução Federalista,<sup>15</sup> instalado na antiga Casa de Câmara Cadeia.

Fez parte dos festejos, em Curitiba, o Primeiro Congresso de História da Revolução de 1894, cujas apresentações de trabalhos e debates sobre a Revolução Federalista se realizaram em lugar oficial, no salão nobre do Palácio da antiga Assembleia Legislativa do Estado.

Convém indagar por que se tornou central nas festividades a realização de um Congresso de História? Arriscamos uma possível resposta: “atestar” a legitimidade da data comemorada por meio dos estudos apresentados. Participaram do congresso representantes de institutos históricos e geográficos e demais instituições culturais<sup>16</sup> que abrigavam os dedicados à escrita da história – não qualquer escrita, mas aquela pautada em documentos e “testemunhos confiáveis”. Numa clara referência ao ideal de objetividade rankeano, os trabalhos deviam seguir “serenas diretrizes e a isenção de partidarismo”.

Não foi sem propósito que se suprimiu do título do congresso o termo “federalista”, carregado de teor ideológico, o próprio termo designando uma posição política, ou seja, a tomada de posição partidária. Os estudos foram orientados a trilhar pela neutralidade, o foco

era fazer justiça com a tinta da verdade documental “a todos os brasileiros que, com lealdade, empunharam armas na defesa dos seus ideais políticos” (FERNANDES, 1944, p. 13) e, então, contribuir “para o esclarecimento dos fastos da luta e lançando as luzes necessárias à história do futuro” (SAMPAIO, 1944 apud FERNANDES, 1944, p. 22).

Essas foram as orientações gerais para os que quiseram apresentar e debater os seus estudos sobre a revolução de 1894. Os trabalhos foram divididos nas seguintes sessões: Temas Gerais sobre a Revolução de 1894; Atitude do Governo Federal ante os pontos de vista dos seus antagonistas; Ação militar, estudada em conjunto ou em detalhe, das tropas em choque, aconselhadas as descrições e a crítica isentas de partidarismos; Notas e estudo biográficos de personalidades com influência nos acontecimentos (FERNANDES, 1944, p. 20-21).

O perfil dos participantes foi diversificado: apresentaram trabalhos estudiosos dos institutos históricos e geográficos, com amplo destaque para a presença de Pedro Calmon, o “príncipe da literatura pátria” (FERNANDES, 1944, p. 29), militares de carreira, ex-combatentes e sobreviventes dos conflitos, e políticos.

As sessões possuíam um coordenador e, após cada apresentação, havia um tempo para avaliação do texto. O estudo poderia ser aprovado sem ressalvas ou submetido a reparos, julgando se o texto completo, deveria ou não ser inserido nos anais do evento. Não se esperava dos trabalhos apenas simples descrição dos fatos, mas um texto redigido com “espírito de verdadeiro historiador”, pois este “não se limita à exposição dos sucessos, mas estuda-lhes os antecedentes e as repercussões” (FONTES, 1944 apud FERNANDES, 1944, p. 26).

As falas ao fim de cada apresentação reafirmam o princípio da objetividade no estudo do passado, a busca de uma pretensa verdade histórica e a forma correta de alcançá-la. Nessas disputas pela verdade, David Carneiro foi acusado de “leviandade”.

Carneiro elaborou um texto para a sessão Notas e estudo biográficos de personalidades com influência nos acontecimentos, o título de seu trabalho foi *Os dois máximos heróis da resistência da Lapa*. Em numerosas laudas o autor tratou da atuação civil e militar do General Gomes Carneiro e do Coronel Joaquim Lacerda. Este, exposto como o paranaense que pegou em armas para defender a Lapa, aquele designado pelo Marechal Floriano Peixoto para deter o Exército Nacional Libertador.

David Carneiro, em função da organização geral dos festejos, estava na Lapa e não teve oportunidade de apresentar seu estudo. Designou Dr. Saul Lupion de Quadros para apresentar seu texto, estando assim impossibilitado de responder às críticas de José Loureiro Fernandes e Valfrido Piloto. O principal questionamento de ambos foi na equiparação e quase diminuição que David Carneiro fez do General Gomes Carneiro em relação ao Coronel Joaquim Lacerda. Loureiro Fernandes cautelosamente afirmou que

David Carneiro “talvez” tenha generalizado ao interpretar a relação de ambos. Já Valfrido Piloto foi mais incisivo, para ele, Carneiro fez um “exagerado panegírico” do Coronel Joaquim Lacerda.

Possivelmente, tal panegírico consiste na tentativa de realçar o papel de um militar paranaense, pois o General Gomes Carneiro era mineiro. É a narrativa de Carneiro tentando dar maior *visibilidade nacional ao Paraná* a partir da mitificação da atuação de seus habitantes no conflito.

Convém também lembrar que o texto de Carneiro deixou de rememorar<sup>17</sup> o episódio do fuzilamento do Barão do Serro Azul. O Barão foi vastamente tratado por David Carneiro em seus escritos sobre o tema da revolta, mas, nesta ocasião, o herói civil paranaense estava ausente.

Segundo a historiografia sobre o tema, com a volta da legalidade, a preocupação do governo foi procurar punir pelo fuzil os que foram coniventes com os revoltosos. No Paraná, o retorno do governo legal foi marcado pela execução de muitas personalidades importantes, principalmente os envolvidos com o “empréstimo de guerra”. Na opinião do historiador Rafael Augustus Sêga, “o caso mais controvertido do episódio em tela foi o assassinato do empresário Ildefonso Pereira Correia, mais conhecido pelo seu título nobiliárquico, Barão do Serro Azul” (SÊGA, 2005, p. 18).

A vingança legalista foi cruenta para os três Estados sulinos da União e só teve um fim oficial com a assinatura do acordo de paz, em 23 de agosto de 1895. A revolução terminou com uma debandada de dez mil maragatos para o Uruguai e um saldo de dez mil mortos, segundo estimativas um tanto otimistas.

Mas esse passado não foi eleito para ser debatido pelo congresso de história, não fez parte dos festejos gerais, ele foi silenciado. “Excesso de memória aqui, *insuficiência* de memória ali”, na Comemoração do Cinquentenário do Cerco da Lapa celebrou-se uma memória fragmentada, pois a “celebração de um lado, corresponde à execração, do outro” (RICOEUR, 2007, p. 92).

As comemorações se centraram na “epopeia do Cerco da Lapa” e no seu heróico defensor, General Gomes Carneiro. Na ocasião, comemorou-se o sentimento de “unidade nacional”, o evento comemorado foi a vitória das tropas republicanas em um momento de ameaça à integridade da recém-instituída República.

Nos discursos oficiais pronunciados, ressaltou-se a imagem de um Brasil harmonioso, assentado na moral cristã, dirigido por mãos fortes (Getúlio Vargas) e de convivência pacífica entre as “raças”, pois “não existem raças puras em todo o universo” (GUIMARÃES, 1944, p. 579). Por sua vez, a síntese da “raça” dos brasileiros foi representada na figura do General Gomes Carneiro, que devia ser recordado “sobretudo

nesta hora cósmica de subversão de valores e de destruição e aniquilamento de povos e civilizações” (RAMOS, 1944, p. 587).

O general foi aclamado como espelho para a juventude que estava assumindo o “imperativo dos compromissos continentais”, ou seja, os que se uniam aos Aliados na Segunda Guerra Mundial. A experiência do passado do acontecimento militar é reinterpretada em função de um novo conflito. O Brasil entrou na guerra e deveria, como país cristão e democrático, contribuir para a “solidariedade continental”.

Nas palavras finais do evento, o discurso de Nerêu Ramos, Interventor de Santa Catarina, ressalta a missão histórica do Brasil ao combater as forças do Eixo:

Gomes Carneiro! Dorme, “a mão direita de Deus”, como ainda no derradeiro instante o desejaste, o tranqüilo sono da tua glória, abençoado da suave e deliciosa certeza de que *a tua Pátria continua a glória da sua destinação*, sempre rebelde aos imperialismos políticos e econômicos, às doutrinas pagãs de superioridades raciais e às teorias sanguinárias de “espaços vitais” para os eleitos das divindades do Walhalla (RAMOS, 1944, p. 590, grifo nosso).

Foi assim que a comemoração do “Cinquentenário do Cerco da Lapa”, da qual Carneiro teve voz ativa, foi inscrita naquele presente. Os cinquenta anos da Revolução Federalista foram erigidos em símbolo de “unidade nacional”, no momento em que nações se aniquilavam na Segunda Guerra Mundial. A partir desta interpretação, consideramos essa comemoração um exemplo de “usos do passado” por interesses políticos.

A memória escolhida para ser celebrada foi fortificada pela narrativa histórica. Delineia-se, assim, a história oficial da Revolução Federalista e David Carneiro contribuiu para consolidar esta história oficial por meio da administração de um “lugar de memória”, o Museu Coronel David Carneiro; pela produção bibliográfica e por celebrações cívicas. Corroborar esta ideia a reedição de duas produções historiográficas sobre o tema.

A obra *O Cerco da Lapa e seus Heróis* foi terminada em 1933, publicada originalmente em 1934 e reeditada em 1991 pela Biblioteca do Exército, no momento da comemoração dos 100 anos da 5ª. Região Militar.<sup>18</sup> Nas palavras do prefaciador (não identificado), o livro trata com fidelidade da “gloriosa epopeia dos Heróis da Lapa”. (CARNEIRO, 1991). O mesmo discurso de rememoração de uma “epopeia” está presente na obra *O Paraná e a Revolução Federalista*. Esta obra foi publicada por ocasião das comemorações do Cinquentenário do Cerco da Lapa, pois

[...] pela magnitude do fato histórico rememorado, requeriam, como complemento necessário, a feitura de um livro que, com elevado senso cívico e amor à *verdade*, traduzisse fielmente o objetivo patriótico do eminente titular da pasta da Guerra, Gen. Eurico G. Dutra, quando decidiu realizá-las (SAMPAIO, 1982, p. 7, grifo nosso).

O livro foi reeditado pela Secretaria da Cultura e do Esporte do Paraná, em 1982, que reservou parte da tiragem para distribuição à rede estadual de bibliotecas e entidades culturais. Ou seja, a narrativa história do episódio federalista que foi celebrada em 1944 foi a mesma eleita para ser ensinada em 1982. Nesta “história ensinada, história aprendida, mas também história celebrada”, estabelece-se, segundo Ricoeur, um pacto temível “entre rememoração, memorização e comemoração” (RICOEUR, 2007, p. 98).

De acordo com o balanço historiográfico realizado por Carlos Roberto Antunes dos Santos (1997) e Rafael Augustus Sêga (2005), foram poucos os estudos sobre o tema que não se centraram na narrativa sequencial dos feitos políticos e militares, tal como realizou David Carneiro e, assim, tentaram problematizar a história que se apresenta ora como heroica ora como trágica.

Não se trata de simples refutamento dessa produção, pois “preencheu um espaço importante na produção historiográfica paranaense, principalmente com documentos inéditos que foram pesquisados e a elaboração da descrição etapista da Revolução” (SANTOS, 1997, p. 80), mas em explorar outras possibilidades interpretativas para esse passado, até mesmo questionar o constante reavivamento dessa memória mitificada.

Um instigante exemplo desse reavivamento é a recente produção audiovisual. A narrativa histórica com tons de epopeia sobre o Cerco da Lapa foi tema de duas produções: o filme *O Preço da Paz* (2003) e o curta metragem *Amor em Tempos de Guerra* (2011), exibido no quadro “Casos e Causos” do programa da RPC TV, emissora paranaense afiliada da Rede Globo. Como podemos notar, a memória do episódio em solo paranaense continua sendo evocada, mas ainda esperam-se estudos que problematizem o possível significado dessas produções neste presente.

**Recebido em 25/9/2012**

**Aprovado em 28/11/2012**

## NOTAS

<sup>1</sup> “[...] historiadores por vocação. Estas pessoas, apesar de sua formação profissional ter sido feita em outra área do conhecimento, dedicavam-se à história” (GLEZER, 1976, p. 234).

<sup>2</sup> Cabe também salientarmos que ele teve um percurso diversificado como professor acadêmico. Ingressou em 1951 na cadeira de “Evolução da Conjuntura Econômica” na Faculdade de Ciências Econômicas da UFPR. Entre 1951 e 1969 foi professor visitante em diferentes universidades estadunidenses. Atuou como professor-visitante na University of Nebraska-Lincoln, ministrou aulas sobre a “História da América do Sul”. Como *lecturer*, deu aulas sobre “Evolução das Idéias Republicanas no Brasil”, no Curso de Pós-Graduação de Assuntos Sul-Americanos da University of

California, Los Angeles (UCLA). Como *Visiting Professor* atuou durante quatro períodos semestrais sucessivos, proferiu aulas sobre “História Econômica do Brasil” na Harvard University, Washington, DC. Durante o ano de 1965, foi convidado a compor o corpo docente da Universidade de Brasília (UnB) como titular de História. Permaneceu no cargo por aproximadamente um ano, afastando-se em razão da ocupação da UnB pelos militares.

<sup>3</sup> Segundo a tese de Rafael Augustus Sêga, os eventos vinculados à Revolução Federalista ocorreram de forma mais efetiva nos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina e têm como baliza inicial o ano de 1893. No Rio Grande do Sul, o conflito se iniciou com os movimentos de contestação da política centralizadora de Júlio de Castilhos, por segmentos da classe dominante local seguidora das propostas parlamentaristas de Gaspar Silveira Martins. Por volta de setembro de 1893, os insurretos se uniram à Revolta da Armada, extrapolando os limites regionais. No Paraná, aliados do poder, os Liberais envolvidos com a pecuária e pequenos negócios do Paraná Tradicional vislumbravam uma chance de combater a liderança política de Vicente Machado (representante do Partido Conservador) e o projeto político de cunho centralizador de Floriano Peixoto. Assim, a cisão interna das classes dominantes e a identificação de algumas regiões com a cultura gaúcha (principalmente os Campos Gerais, identificados com a pecuária) contribuíram para que parcela da população aderisse à causa revolucionária, ou seja, esse não foi um evento “fora do lugar” na história paranaense (SÊGA, 2005).

<sup>4</sup> A noção de “lugares de memórias” tem como marco a obra *Lieux de mémoire*, concebida e editada por Pierre Nora, que se iniciou em 1984 e foi concluída em 1993. A ideia dos “lugares de memória”, em Nora, surge em um contexto de crise (esgotamento dos grandes paradigmas explicativos, “aceleração” da história e, no contexto francês, a ameaça de diluição da memória nacional), momento em que, segundo ele, há um “desmoronamento da memória”, pois vivemos em um mundo de constante massificação e mediatização (NORA, 1993). É nesta conjuntura que, segundo François Dosse, “Nora apresenta esse interesse novo pela memória e seus lugares como a própria expressão do esgotamento da história, sintoma de um período pró-histórico” (DOSSE, 2001, p. 31-32).

<sup>5</sup> Comte, então, passou a examinar a marcha do espírito humano em sua principal obra, o *Curso de Filosofia Positiva*. Foi nela que elaborou a chamada lei dos três estados, “a humanidade passara pelas etapas *teológica* (primeiro fetichista, depois politeísta, enfim monoteísta), *metafísica* e, finalmente, *positiva*. A última fora propiciada pelas revoluções modernas, a política (francesa) e a industrial (inglesa), mas só a filosofia positiva viera inaugurá-la”. (BOSI 2004, p. 18).

<sup>6</sup> David Carneiro foi um ávido leitor das obras de Auguste Comte, essa voracidade iniciou-se durante o período de formação educacional em colégios militares no Rio de Janeiro. Ele foi um dos idealizadores e mantenedores do *Centro de Propaganda do Positivismo no Paraná*, fundado em 1927. Um lugar dedicado ao ensino, debate e culto dos ensinamentos de Comte, espaço que inspirou a produção de suas obras sobre a Filosofia Positiva e a “Religião da Humanidade”. Nos dias atuais, na cidade de Curitiba, há o encontro de um pequeno grupo de pessoas, seguidores da Religião da Humanidade, no “Centro Positivista do Paraná – Associado ao Movimento Ético e Humanista Mundial”. Cf. site: <<http://www.palm.com.br/cpp/frameset.htm>>.

<sup>7</sup> Ver, especialmente, o capítulo “XVIII – A educação universal se destina essencialmente aos proletários; afinidades entre a classe dos proletários e a dos filósofos”, do *Discurso do Espírito Positivo*.

<sup>8</sup> Fazemos uso da expressão utilizada por Manoel Luiz Salgado Guimarães (GUIMARÃES, 2007, p. 27).

<sup>9</sup> “a museografia da história foi definida pela capacidade de fazer ressurgir fielmente o passado no presente e, concomitantemente, de produzir ou garantir a verdade erudita” (POULOT, 2010, p. 536, tradução nossa).

<sup>10</sup> As tropas legalistas “passaram a ser conhecidas como ‘pica-paus’, em razão do uniforme azul e do barrete vermelho.” Já os “maragatos” eram as tropas seguidoras de Gumercindo Saraiva; entre outras explicações, o termo pejorativamente “podia designar ‘pessoa desqualificada’ ou ‘castelhano’ que usava bombacha e tinha fama de desordeiro [...] Para os uruguaiois, designava as pessoas oriundas de São José, descendentes dos maragatos espanhóis” (SÊGA, 2005, p. 99-100).

<sup>11</sup> Sobre o “imaginário bélico da comunidade sulina”, pode-se ler a dissertação de André Luiz dos Santos Franco, na qual analisa o movimento belicista de 1930 no Sul do Brasil (FRANCO, 2010).

<sup>12</sup> Publicada por Paul Ricoeur, na França, no início do século XXI, *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, insere-se no contexto da “problematização da memória através da sua inscrição na história” (SILVA, 2002, p. 426). O filósofo parte dos estudos psicanalíticos de Freud, incorporando aos trabalhos da lembrança concepções psicológicas do recalque e do luto, pensando assim nos traumas da memória e do esquecimento. Ao procurar traçar os exercícios da memória inscritos na história, explorando

seus usos e abusos, Ricoeur defende uma “política da justa memória” e nos mostra a importância do sujeito nas novas abordagens memoriais.

<sup>13</sup> Alguns títulos: *O cerco da Lapa e seus heróis* (1934, 1991 e 2004), *Os fuzilamentos de 1894 no Paraná* (1937), *O Paraná e a revolução federalista* (1944 e 1982), *Rastros de Sangue...* (1971), *Gomes Carneiro e a consolidação da República* (1979), *O Paraná na história militar do Brasil* (1942 e 1995).

<sup>14</sup> O “Panteon dos Heróis” é um monumento cívico “onde descansam os que tombaram na resistência dos federalistas de 1894 como o General Gomes Carneiro e seus bravos companheiros combatentes.” (PREFEITURA MUNICIPAL DA LAPA, 2011).

<sup>15</sup> O museu era mantido por uma Associação de Amigos e foi desativado em 1952, quando David Carneiro, alegando falta de cuidado com o acervo e precariedade das instalações, incorporou o acervo ao do Museu Coronel David Carneiro, em Curitiba. Tal atitude instalou a controvérsia. Para alguns, foi uma apropriação indevida; em sua defesa, Carneiro costumava declarar que apenas resgatou o que ele mesmo havia doado e que não estava tendo os devidos cuidados (CARNEIRO, 1982 apud MILLARCH, 1982, p. 3).

<sup>16</sup> O congresso foi organizado sob a tutela do Museu Paranaense, do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense e do Círculo de Estudos Bandeirantes. Contou, em suas sessões, com debates com integrantes do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, dos Institutos de São Paulo, Santa Catarina e Minas Gerais. A Comissão de Honra do Congresso foi composta por representantes políticos e militares: Ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra, Intervenores Manoel Ribas e Nerêu Ramos, General Heitor Borges, Comandante da 5ª Região Militar.

<sup>17</sup> Segundo Paul Ricoeur, o ato de rememoração é “sempre nosso”, faz parte de uma evocação individual, é o “retorno a consciência despertada de um acontecimento [...]” (RICOEUR, 2007, p. 73). Portanto, o termo possui significação distinta de “comemoração”, esta entendida como um “trabalho de construção de uma memória coletiva” (SILVA, 2002, p. 428).

<sup>18</sup> A 5ª Região Militar e 5ª Divisão do Exército abrange os Estados do Paraná e Santa Catarina, atualmente “orgulhosamente denominada ‘Região Heróis da Lapa’ em homenagem aos heróicos feitos daqueles que tombaram no Cerco da Lapa”, como consta em seu “histórico” no site oficial da instituição. HISTÓRICO da 5ªRM-5ªDE. Disponível em: <<http://www.5rm5de.eb.mil.br/>>. Acesso em: 30 jul. 2011.

## FONTE

MARANHÃO, Malu. David Carneiro. *Nicolau*, Curitiba, out. 1988. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

## REFERÊNCIAS

ABRÃO, Roseli. Jogo da Verdade. *Correio de Notícias*, Curitiba, abr. 1988. Seção Bomdomingo, p. 04.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: ROMANO, Ruggiero (Org). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, v.5, Anthropos-Homem, [19--], p. 296-332.

BOSI, Alfredo. O Positivismo no Brasil: uma ideologia de longa duração. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla (Org.). *Do Positivismo à desconstrução*. São Paulo: EDUSP, 2004, p. 17-47.

CARNEIRO, David. Biografia do Cel. David Carneiro e cartas escritas por ele a seus filhos. [S.l.: s.n.], 1938.

---

\_\_\_\_\_. *Catálogo Museu Coronel David Carneiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1940.

\_\_\_\_\_. *Museus*. Curitiba: João Haupt, 1929.

\_\_\_\_\_. *O cerco da Lapa e seus heróis: antecedentes e conseqüências da Revolução Federalista no Paraná*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1991.

\_\_\_\_\_. *O Paraná e a revolução federalista*. 2 ed. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte, 1982.

\_\_\_\_\_. David. *O Paraná na história militar do Brasil*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

\_\_\_\_\_. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COMTE, Auguste. *Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista*. São Paulo: Abril Cultura, 1978.

CONGRESSO DE HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO DE 1894, 1., 1944, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Empreza Gráfica Paranaense, 1944.

CORDOVA, Maria Julieta Weber. *Tinguís, Pioneiros e Adventícios na mancha loira do Sul do Brasil: o discurso regional autorizado de formação social e histórica paranaense*. 2009. 296 f. Tese (Doutorado em Sociologia)-Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2009.

DOSSE, François. *A história a prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: UNESP, 2001.

FÉDI, Laurent. *Comte*. Tradução Mauro Pinheiro. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.

FERNANDES, Loureiro. Anais do Primeiro Congresso de História da Revolução de 1894. In: CONGRESSO DE HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO DE 1894, 1., 1944, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Empreza Gráfica Paranaense, 1944, p.13-14.

FRANCO, André Luiz dos Santos. *As armas de outubro: militares e políticos no movimento belicista de 1930 no sul do Brasil*. 2010. 187 f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

GLEZER, Raquel. *O fazer e o saber na obra de José Honório Rodrigues: um modelo de análise historiográfica*.1976. 240 f. Tese (Doutorado em História)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 1976.

GUIMARÃES, Flávio. Discurso proferido na Lapa, em nome do Govêrno do Paraná, pelo Dr. Flávio Guimarães, em 8 de fevereiro de 1944, dando início às comemorações cívicas. In: CONGRESSO DE HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO DE 1894, 1., 1944, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Empreza Gráfica Paranaense, 1944, p. 579-581.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Vendo o passado: representação e escrita da história. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 15, n.2, p. 11-30, jul.-dez. 2007.



HISTÓRICO da 5ªRM-5ªDE. Disponível em: <<http://www.5rm5de.eb.mil.br/>>. Acesso em: 30 jul. 2011.

MACHADO, Daiane Vaiz. *O percurso intelectual de uma personalidade curitibana: David Carneiro*. 2012. 167 f. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Federal do Paraná, 2012.

MILLARCH, Aramis. O paranaense sempre foi metido consigo mesmo. *O Estado do Paraná*, Curitiba, n. 77, 10 set. 1982. Caderno Fim de semana, p. 3.

MEMÓRIA de David. Direção: Berenice Mendes. Produção de Fernando Morini. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1988. 1 DVD.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatay. *A Revolução Federalista*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

POULOT, Dominique. Musée d'histoire. In: DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick; OFFENSTADT, Nicolas (Org.). *Historiographies: concepts et débats I*. Paris: Gallimard (Folio histoire), 2010, p. 535-541.

PREFEITURA MUNICIPAL DA LAPA. Disponível em: <<http://www.lapa.pr.gov.br/cidade/cultura>>. Acesso em: 28 jul. 2011.

RAMOS, Nerêu. General Gomes Carneiro. In: CONGRESSO DE HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO DE 1894, 1., 1944, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1944, p. 587-591.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SAMPAIO, Raimundo. Introdução. In: CARNEIRO, David. *O Paraná e a revolução federalista*. 2 ed. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte, 1982, p. 7-9.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. Por uma nova leitura a Revolução: pensar a Revolução fora da Revolução. In: WESTPHALEN, Cecília (Org.). *Revolução Federalista*. Curitiba: SBPH, 199, p. 79-82.

SÊGA, Rafael Augustus. *Tempos Belicosos: A Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos; CEFET-PR, 2005.

SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 425-438, 2002.